

Renamo reforça ^{Expr.} 19/3/88

«linha» portuguesa

A «COMPONENTE portuguesa» do movimento rebelde moçambicano, como as autoridades de Maputo, referenciam o «staff» da Renamo que se movimenta a partir de Lisboa (constituído por indivíduos portugueses que pretendem assumir-se como representantes da oposição armada que existe naquele país) reacquiriu esta semana alguma consistência, depois de muitas hesitações e de lutas pelo poder no exterior do território. Fontes contactadas pelo EXPRESSO referiram que a influência do antigo secretário-geral dos rebeldes, Evo Fernandes, volta a afirmar-se e que problemas internos do movimento contribuíram para o relançamento da sua figura.

Há notícia concreta de que Evo Fernandes esteve recentemente num país vizinho de Moçambique, para contactos com o «presidente» rebelde Afonso Dlakhamana, suspeitando-se de que esteja envolvido em conversações que se ligam com um plano de reabilitação das linhas de transporte de energia de Cahora-Bassa para a África do Sul.

Os representantes em Portugal da Renamo têm sentido, por outro lado, alguma dificuldade em se afirmar, contribuindo para isso, não apenas dificuldades internas do movimento como a sua própria representatividade na Europa e nos Estados Unidos, onde a luta pela hegemonia tem dificultado tentativas de credibilidade junto de algumas entidades financiadoras e mesmo de certos Governos.

O Governo português, pela sua parte, não tem revelado tomadas de posição que definam qualquer atitude prática contra a movimentação dos rebeldes da Renamo e alguns observadores entendem que cada vez mais as atenções de Lisboa privilegiam Luanda em detrimento de Maputo, na convicção, pelo menos aparente, de que as relações com Angola são para manter no âmbito de uma influência tradicional e que Moçambique «voltará para a esfera de atracção britânica», tanto mais que as suas fronteiras mais expressivas ligam o país a territórios com afinidades a Londres.

«Mais do que em Lisboa», disse ao EXPRESSO uma

fonte diplomática, «o destino das oposições em Moçambique disputa-se entre Washington e Pretória», sendo praticamente certo que a África do Sul, «se não quer um poder estável em Maputo neste momento também nunca desejará ali uma oposição única e coerente».

A informação dada esta semana pelo «Observer» de que a Renamo se dividia em três ramos distintos, dois dos quais coexistiam em Lisboa, acaba, portanto, por ser confirmada pela reaparição em grande plano de Evo Fernandes, acusado em tempos de ter prejudicado os rebeldes.

A situação embaraçosa em que se encontra a Renamo é acentuada, por outro lado, pela cortina de silêncio feita em redor da morte de dois «altos representantes» do movimento numa estrada do Malawi há alguns meses. As vítimas terão sido, Alfredo da Costa (que usava um nome falso em Lisboa e cuja mulher já regressou a Maputo, com a ajuda das autoridades moçambicanas) e o antigo embaixador João Ataíde, cuja família se mantém em Portugal.

J. Henriques Coimbra